

RESENHA

Claudinei dos Santos¹

MALHEIRO, Bruno. Geografias do Bolsonarismo: entre a expansão das commodities, do negacionismo e da fé evangélica no Brasil. Rio de Janeiro: Amazônia Latitude Press, 2022. / 99 pp.

O autor da obra ora resenhada, é professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Campus de Marabá. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará, é mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA - UFPA) e Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. É coordenador do Laboratório de Estudos em Território, Interculturalidade e R-Existência na Amazônia (LaTierra). Tem experiência de pesquisa nos seguintes temas: Geografia da Amazônia; Geohistória da Amazônia; Conflitos territoriais na Amazônia; Geografia dos Grandes Projetos de desenvolvimento; Discurso e produção do espaço; Questão agrária na Amazônia; Educação do campo; e Geografia e Pensamento decolonial. É autor de vários artigos em revistas especializadas e um dos autores do livro “Horizontes Amazônicos: para repensar o Brasil e o Mundo” 2021.

Esta resenha trata do livro “Geografias do Bolsonarismo”, que se propôs a fazer uma análise comparativa e qualitativa entre a relação da expansão das *commodities* no Brasil, do negacionismo e a fé evangélica com a territorialização do Bolsonarismo. Pensando em quem ainda não teve a oportunidade de ler o texto e para melhor compreensão, a resenha se propõe a sistematizar as principais ideias, conceitos, princípios, fundamentos e o debate contido no mesmo. Todavia, é importante ressaltar que a presente resenha não substitui a leitura do texto por completo, visto que “toda” resenha tem o olhar pessoal do “resenhador”, muitas vezes extraíndo apenas o que lhe interessa e convém.

Metodologicamente a resenha terá a mesma cadência do texto em análise, passando assim pelos seguintes pontos: (a) mercado da soja, (b) mercado do gado de corte, (c) mineração, (d) desmatamento e (e) produção da subjetividade fazendo sempre que possível uma relação com outras abordagens dadas a proposta da nossa resenha.

Queremos destacar que o autor ora resenhado, possui uma formação teórica muito bem fundamentada, o que torna mais difícil, porém desafiador a tarefa de resenha desta obra.

O livro está dividido em três capítulos sendo eles: capítulo I – A geografia de um capitalismo de guerra: a expansão das *commodities* no Brasil e sua relação com o bolsonarismo; capítulo II – A geografia do negacionismo no Brasil: a pandemia e o bolsonarismo e capítulo III – A geografia do Brasil evangélico e o bolsonarismo.

¹ Tijolão, Integrante do MST –, do Instituto Territórios e Justiça – INTERJUS e da Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares – RENAP.

Malheiro nos reserva alguma esperança ao final do texto, quando trata de “outros mundos geográficos possíveis” (como nos diriam os zapatistas) e para outras cosmovisões ou outras visões/vividas de mundo, como aquela que nos é legada pelos povos originários (Malheiro, 2022, p.11). Foi com essa belíssima mensagem de esperança e de rumo que Rogério Haesbaert da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade de Buenos Aires (UBA), festejou o autor já no prefácio do texto.

A introdução segue a cadência do bom texto escrito por pessoas que além de serem professores, também atuam como educadores populares e militantes de causa (*a exemplo de Malheiro*) fazendo no início uma espécie de antecipação seguida do anúncio da estrutura do texto. Essa estrutura ajuda o leitor a saber qual o plano de voo proposto pelo autor, tornando a leitura ainda mais prazerosa.

Capítulo I

A geografia de um capitalismo de guerra

O autor começa o primeiro capítulo, tratando das “escolhas” políticas que os governos da América Latina fizeram no início do século XXI. Segundo ele, essas escolhas passaram pelas exportações de *commodities* agrícolas e minerais. (Malheiro, 2022, p. 11).

Aqui abriremos nossa primeira divergência de forma muito respeitosa. Ora, desde a ascensão do capital financeiro em detrimento do capital industrial, a reorganização do capital passou a ser ditada por uma forma econômica que impõe sobre a forma política, sua lógica de acumulação. Nesse sentido, divergimos da ideia de “escolhas”, pois se trata de uma imposição do capital financeiro.

Sobre a perspectiva de um país reservado a produção de *commodities*, (Malheiro, 2022, p. 21-22) identifica-se a clara expansão da soja, do milho, do gado de corte, desmatamento, *pulverização aérea* e produção de um gênero musical (*que se convencionou ser chamado de sertanejo universitário*), com a votação bolsonarista (**grifo nosso**).

1.1 O agronegócio da soja e o bolsonarismo

Malheiro (p. 25) chama a atenção para a explosão na área plantada da soja, que saltou de 9,5 milhões de hectares em 1995 para 30,7 milhões em 2017, um crescimento de 223,8%. Ao cruzar os dados da expansão da soja com o resultado eleitoral, o autor confere que em todos os estados e cidades, o bolsonarismo obteve média de 60% ou mais dos votos nas eleições de 2018. Concluindo assim, uma fina sintonia entre o agronegócio e o fenômeno da extrema direita na política.

1.2 Agropecuária e o bolsonarismo

Em 2021, o Brasil chegou a sua marca histórica do rebanho bovino, batendo a casa das 224,6 milhões de cabeças de gado. A pecuária expandiu-se conjuntamente a uma teia de relações violentas, por meio da invasão de territórios e biomas. Malheiro alerta que 75% do desmatamento na Amazônia,

têm relação com a pecuária. Essa atividade se espraia por meio do que se convencionou chamar de *agro-bandidismo* (**grifo nosso**).

Aqui abrimos outra divergência com o autor, pois, ao falar da relação *sine qua non* entre a pecuária e os frigoríficos, o autor cai na armadilha construída pelo agronegócio quando, afirma que a JBS é produtora de alimentos. A JBS sequer é produtora de proteína animal. Ela é uma empresa compradora de gado de corte, que faz o processamento em seus frigoríficos e transaciona no mercado nacional e internacional. É preciso ficar atento com esse título de produtor de alimentos que o agronegócio se autointitidou, pois a produção de alimentos passa por um processo que é cultural e tem base na diversificação e regionalidades. O agronegócio se baseia no monocultivo e na padronização.

1.3 A mineração e o bolsonarismo

A mineração é, sem dúvida, a atividade que mais saqueia os recursos naturais, transformando os bens como algo comum do povo em bens privados, extraíndo uma extraordinária taxa de lucro, pois se trata de riqueza que não dependeu de trabalho humano. Segundo o autor, essa é a atividade mais violenta e que menos oscila diante dos revezamentos governamentais.

1.4 As violências de um capitalismo de guerra e a hegemonização do bolsonarismo

Para o autor “[...] o desmatamento, está intrinsicamente associado as outras frentes econômicas descritas até aqui, e coincide também com o mapa onde o bolsonarismo teve melhor performance nas eleições [...]” (p. 38). O melhor exemplo são os números apresentados na região conhecida como “arco do desmatamento”. É uma região na Amazônia que vai do sudeste do Pará, passando por Mato Grosso e Rondônia até chegar no Acre. Essa região apresenta os maiores índices de desmatamento, devido ao avanço da fronteira agrícola em direção à floresta.

1.5 Uma subjetividade armamentista: a expansão dos clubes de tiros e o bolsonarismo

Para o autor “[...] nos quatro estados com maior número de armas nas mãos de civis, Bolsonaro venceu em todos, sendo eles: Mato Grosso, Rondônia, Rio Grande do Sul e Santa Catarina [...]” (p. 51). O autor registra que existe uma relação direta entre a expansão das armas de fogo com a vitória da extrema direita e essa relação se materializou no armamento em massa da população e clubes de tiro, o que teve uma expressiva expansão durante o governo Bolsonaro. Saímos de 7 registros em 2015 para 45 em 2020 (p. 53). A ritualização e o cultuamento por equipamentos de morte, como armas é, *sem dúvida*, parte central da estética bolsonarista (p. 57, **grifo nosso**).

1.6 O bolsonarismo e sua agenda cultural

O subcapítulo começa com uma ideia interessante: “[...] onde se expandem as *commodities* agrícolas também se observa uma mudança

significativa em sua agenda cultural, acompanhada de *festas agropecuárias* e eventos ligados ao setor [...]” (p. 57). Em muitos lugares onde os centros culturais giravam em torno de festividades religiosas e comunitárias, observamos uma reconstrução dos calendários culturais por uma forte influência do agronegócio, “à base de muita corrupção e apropriação dos recursos públicos e votos no bolsonarismo [...]” (p. 57). Além disso, “O Ministério Público do Mato Grosso investigou 24 municípios por suspeita de irregularidades na contratação de shows ligados a festas do agronegócio. Dos 24 municípios, Bolsonaro ganhou em 22 no segundo turno de 2022 [...]” (p. 61, **grifo nosso**).

Capítulo II

A geografia do negacionismo no Brasil

Para o autor “o negacionismo pode ser definido como um valor fundante do nosso tempo. Uma forma de afirmar fantasias que soam como respostas, mesmo que irracionais, ao mesmo tempo das insanidades que estamos vivendo como pandemia, mudanças climáticas, estagnação econômica e *fome* [...]. O negacionismo se apresenta como uma resposta às frustrações, uma maneira de repudiar a realidade criando ficções, fantasias e delírios [...]” (p. 65, **grifo nosso**).

Capítulo III

A geografia do Brasil evangélico e o Bolsonarismo

Para o autor, “[...] o que estamos presenciando no atual momento no Brasil é a transformação das igrejas evangélicas – pentecostais e neopentecostais – em canais de difusão das narrativas do bolsonarismo ou, em outras palavras, em dispositivos de capilarização popular das narrativas negacionistas instrumentalizadas *por falsas* realidades e *uma indústria de* desinformação [...]. Assim, a individualização do sucesso, a transformação dos acertos e erros em escolhas de fé, a leitura do mundo sempre é compreendida como uma guerra santa” (p. 75, **grifo nosso**).

Para (re) pensar o Brasil por outras geografias

Como já subscrito no início dessa resenha, Malheiro nos reserva alguma esperança ao final de seu texto, quase que de forma poética, nos apontando a urgência de uma pauta de lutas do nosso tempo presente, indicando que, “[...] a luta contra o bolsonarismo há de ser nossa tarefa primeira *para construirmos a possibilidade de um futuro de luz e libertário*” (p. 84, **grifo nosso**). Derrotar o bolsonarismo é tarefa prioritária. Sejam quais forem as condições políticas, devemos radicalizar nossas agendas, pois precisamos ter capacidade de vocalizar outras narrativas e exercer outras práticas. Precisamos pensar outras referências comunitárias a partir dos “Brasis” “*que a história não conta* e que nunca são vistos, mas que carregam distintas formas de solidariedade” (p. 86, **grifo nosso**). Outras geografias, além de nos oferecer outro legado teórico e político, nos aponta outros horizontes éticos radicalmente distintos dos que agora matam o mundo.

O autor finaliza seu belíssimo texto, trazendo duas das principais referências indígenas do Brasil, Ailton Krenak e David Kopenawa. Para Krenak,

RESENHA

o nosso descolamento da terra é a escolha por uma existência vazia. Já Kopenawa defende que não somos só nós que vivemos nessa terra e que, precisamos ouvir a floresta. O autor arremata seu texto nos fazendo um convite, ao nos interpelar sobre uma possível encruzilhada: ou ouvimos esses conhecimentos ancestrais e construímos outros rumos, prioridades e agendas políticas, ou continuamos guiando nossos caminhos por geografias de morte e destruição que sustentam o bolsonarismo.

Recebido em: 22/04/2025

Aprovado em: 30/04/2024

Publicado em: 02/05/2025